

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM JOGOS INDÍGENAS EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO DE MATO GROSSO

Jederson Garbin Tenório*
Cinthia Lopes da Silva**

Resumo

Este estudo tem como objetivo descrever uma experiência pedagógica com alunos do ensino fundamental de uma escola do interior de Mato Grosso, na disciplina de Educação Física. Nas aulas desta disciplina, o desempenho e a participação dos alunos são percebidos muitas vezes conforme suas características biológicas, sendo desconsideradas suas diferenças culturais. Como metodologia foi realizada revisão de literatura baseada em autores que discutem a interculturalidade, a Educação Física escolar e a temática indígena. Esta experiência pedagógica levou os educandos a adotarem atitudes de compreensão e respeito à cultura de diferentes povos e a ampliarem seu acervo de vivências corporais.

Palavras-chave: Educação Física e Treinamento. Cultura. População Indígena.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, realizamos uma experiência pedagógica com jogos e brincadeiras indígenas com o intuito de rever o modelo de aulas de Educação Física centrado exclusivamente na prática de esportes. Consideramos que o conhecimento sobre os povos indígenas é fundamental para que os alunos da educação básica aprendam a lidar com as diferenças e particularidades sociais, de modo a minimizar ações preconceituosas. A temática indígena torna-se um assunto em evidência com o advento da lei 11.645 de 10 de março de 2008, que determina a obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígena nas instituições de ensino. Esta lei destaca, ainda, que as escolas ensinem a história e a cultura africana e afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros na esfera de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

Para a realização da experiência pedagógica, tivemos como base: 1) o conceito de educação intercultural, de Cruz de Oliveira e Daolio (2011). Esses autores entendem a educação intercultural como uma oportunidade para minimizar as desigualdades e preconceitos, presentes na escola; 2) o conceito de práticas corporais como elementos componentes da cultura corporal dos povos, que agregam as mais diversas formas do ser humano de se manifestar por meio do corpo e englobam as duas racionalidades: a ocidental com as ginásticas, esportes e caminhadas e a

* Professor licenciado em Educação Física pertencente à Rede Pública de Ensino de Mato Grosso. E-mail: jederson.21@hotmail.com

** Doutora em Educação Física pela UNICAMP. Professora dos Cursos de Graduação em Educação Física (Bacharelado e Licenciatura) e dos programas de pós-graduação em educação física e em ciências do movimento humano na Universidade Metodista de Piracicaba. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Lazer, Práticas Corporais e Cultura (GELC), locado na UNIMEP. E-mail: cinthiasilva@uol.com.br

oriental, como o tai-chi, yoga, lutas, etc (CARVALHO, 2006) e 3) tivemos como referência Lévi-Strauss (1969), em sua obra “O pensamento selvagem”, para compreender que os povos indígenas têm uma forma própria de viver. De acordo com o referido autor, tais povos possuem um conhecimento baseado na ciência do concreto, que os faz ter uma forma particular de vida. Ou seja, esses povos possuem conhecimentos que são patrimônio da humanidade, por isso, é fundamental que sejam ensinados nas escolas de Ensino Fundamental e Médio brasileiras.

Alguns aspectos são fundamentais para a compreensão da educação intercultural – essa perspectiva busca uma melhor convivência entre os educandos e pretende que os alunos saibam encarar as diferenças sociais com respeito. Conforme França (2010, p. 44) observa: “Quando falamos de pluralidade cultural, consideramos também a territorialidade, um contexto que garante o convívio e o direito de viver estas diferenças”. Infelizmente, o conceito que o “homem branco” possui do índio está fortemente ligado ao binômio igualdade/desigualdade. Ou seja, o “homem branco” encara aquele que vive de maneira diferente, em espaços diferentes, como um povo estranho, separado deles pelos aspectos territoriais e culturais. Avaliamos esse trabalho como uma tentativa inicial para que a escola possa dar continuidade ao desenvolvimento desses conteúdos etnoculturais, oportunizando que os alunos tenham acesso a conhecimentos que poderão gerar mudanças em suas maneiras de pensar, viver e agir.

1. A EXPERIÊNCIA COM OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A experiência pedagógica foi realizada na Escola Estadual Manoel Soares Campos, localizada no município de Cláudia, instituição de ensino público

do Estado de Mato Grosso, junto a alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. A turma contava com 23 alunos, com idade entre 10 e 11 anos. A experiência foi desenvolvida ao longo de seis aulas, com duração de 50 minutos cada aula, no 2º semestre de 2012, tendo dois meses de duração. Como ponto de partida, tivemos a curiosidade de conhecer conteúdos da cultura indígena, relacionados à cultura corporal que pudessem ser inseridos no ambiente escolar após um evento na Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá, no ano de 2010, que tratava de práticas corporais indígenas. Naquela oportunidade, os assuntos abordados davam pistas de que as práticas corporais indígenas constituíam um território a ser explorado pela Educação Física Escolar.

Aula 1

Após uma aula de Educação Física, em que percebemos o entusiasmo e ao mesmo tempo comportamentos extremamente competitivos expressos pelos alunos, em meio a uma atividade onde o conteúdo explorado foi o futsal, pensamos que as atividades deveriam ser direcionadas para a busca de um melhor convívio entre os alunos, e ao mesmo tempo viabilizar aos mesmos a vivência de outros conhecimentos, além do esportivo. Naquele momento, durante o jogo, os alunos não estavam tendo atitudes de tolerância com os colegas nas partidas ou com o êxito dos adversários durante um gol ou um drible e, desta forma, perdiam a paciência e procuravam compensar de maneira bruta, com força física, com ponta-pé ou um xingamento. Observando este comportamento, fizemos uma intervenção no sentido de interromper a atividade. Após ter retornado à sala com os alunos e pensado em um conteúdo que pudesse contribuir para a aprendizagem dos mesmos, perguntamos ao grupo se gostariam de vivenciar jogos e brincadeiras da cultura indígena, com o intuito de que eles pudessem conhecer algo diferente daquilo que

estavam habituados. A resposta dos alunos foi positiva. As práticas corporais indígenas são neste caso uma alternativa para minimizar a importância dada à vitória no jogo, uma vez que os alunos estariam se deparando com um conteúdo diferente daqueles com que eles já tinham tido contato, como por exemplo, o futsal e a queimada.

Aula 2

Começamos a aula com uma corrida chamada *Heiné Kuputsi*, brincadeira pertencente à etnia *Kalapalo*, relatada por Corrêa (2009). Trata-se de um jogo de resistência e equilíbrio, onde o corredor deve correr num pé só, não sendo permitido trocar. Um risco é traçado na terra definindo o local da largada e outro cerca de 100 metros de distância como uma meta a ser atingida, mas cada um vai até onde consegue aguentar. A maioria dos alunos não conseguiu se equilibrar em um pé só durante o percurso, por isso o desafio foi realizar a atividade com atenção e só depois se preocupar em correr mais rápido que seu companheiro. Após esta atividade, propusemos um jogo chamado *Vida*, brincadeira pertencente a etnia *Tikuna*, citada por Soares (2012). Trata-se de uma ação semelhante à queimada, em que duas equipes estão em disputa e consiste em arremessar a bola no jogador adversário. Quando percebemos que o jogo não estava fluindo muito bem, fizemos uma intervenção para que os alunos não perdessem o entusiasmo, introduzindo outro jogo chamado de *Emusi*, brincadeira pertencente a etnia *Kalapalo*, relatada por Corrêa (2009). Uma espécie de Pega-pega. Nesse outro jogo, são apenas dois participantes: um representa o caçador e o outro a caça. O caçador persegue a caça até conseguir tocar com a mão em qualquer parte do seu corpo, gritando simultaneamente *Emusi!* Quando isso acontece, a caça vira caçador e tudo se inverte.

Os educandos brincaram sem muita preocupação com o tempo, pois estavam se divertindo. Todos

quiseram participar no papel de caça ou caçador, por isso foi um pouco demorado, pois era importante oportunizar a todos o sentimento de pertencimento na brincadeira. Demos um intervalo para que tomassem água e, em seguida, pedimos que fizessem dois círculos grandes e jogassem peteca (um objeto que tem uma base de pele com areia e uma pena) com a tentativa de que pudessem dar o maior número de toques possíveis. Como a peteca não fazia parte do leque de brincadeiras que possuíam, e ao mesmo tempo requeria uma técnica específica, não foi difícil constatar que precisariam de outras oportunidades para buscar com maior facilidade o objetivo de não deixar a peteca cair no chão. Em seguida, propusemos que fizessem uma comparação entre o que vivenciaram na aula 2 com o conteúdo explorado na aula 1 (futsal). Após alguns segundos de silêncio, todos concordaram que ninguém agiu de maneira tão competitiva como na atividade esportivizada. Os conduzimos para a sala, pois já estava próximo do horário final da aula. Assim, os alunos se identificaram com os jogos e brincadeiras indígenas à medida que suas capacidades físicas não constituíram um fator limitante para a participação. O significado dessas práticas para os indígenas é diferente do nosso, não havendo divisão entre tempo de trabalho e tempo de lazer. O lúdico e o lazer estão presentes em todas as atividades que realizam. Segundo Almeida e Suassuna (2010):

Os jogos, as danças e as brincadeiras são formas lúdicas de apreensão da realidade que formam uma identidade fundamentada nos sentidos e significados específicos de cada cultura contribuindo para a constituição identitária da pessoa indígena. (p. 59)

Na verdade, as características sociais permeiam nossa cultura lúdica popular, transmitindo significados para quem joga, contribuindo para que ocorra a continuidade de determinados valores, definindo a identidade de um grupo e de um povo. As situações

emergidas durante o desenvolvimento das atividades objetivavam ser uma oportunidade para melhora da convivência entre os educandos, contribuindo para a formação integral, no sentido de promover a criticidade sobre os valores sociais.

Aula 3

Na aula 3, a primeira brincadeira que realizamos foi o cabo de guerra (é uma atividade na qual duas equipes competem entre si em um teste de força, puxando uma corda) e ao dividir as equipes para as disputas tivemos o cuidado de que elas fossem compostas por meninos e meninas. O importante nesta atividade foi mais uma vez o desprendimento dos alunos com a preocupação em ganhar do outro. Independente de ganhar ou perder, os alunos queriam participar da disputa várias vezes. Embora tenhamos restrições em relação à utilização exacerbada da competição nas aulas de Educação Física, admitimos que a maneira como o professor conduz o processo é determinante:

[...] o modo como ensinam tais jogos é que determinará se os alunos terão atitudes de cooperação, de tomada de consciência, de estender para além da sala de aula conhecimentos que possam ser aplicados em outras situações (FREIRE e SCAGLIA, 2009, p. 37).

O ambiente escolar exige do educador a tarefa de mobilizar um pensamento reflexivo nos educandos sobre valores e sentidos na busca de um diálogo permanente. Talvez uma das brincadeiras que eles mais tenham se envolvido foi o esconde-esconde: trata-se de uma brincadeira pertencente à cultura indígena e não indígena, que consiste em um jogador ficar em um ponto do espaço, fechar os olhos e contar geralmente até cinquenta enquanto os outros participantes do jogo se escondem. Após a contagem, o bateador tenta achá-los enquanto os participantes tentam chegar ao ponto em que o bateador fez a contagem sem serem vistos. Notamos

o interesse dos alunos na brincadeira porque havíamos dito a eles que iriam jogar bolita no final da aula, sendo que, durante a brincadeira do esconde-esconde quase todos se esqueceram do jogo de bolita (o jogo de bolita faz parte da cultura de várias crianças. Consiste em um círculo desenhado no chão, onde os jogadores devem, com um impulso do polegar, jogar a bolinha. Os jogadores seguintes devem acertar a bolinha, e se conseguirem retirá-la do círculo, elas se tornam suas. Ganha o jogo aquele que ficar com as bolinhas de seus companheiros). Inclusive um dos meninos, durante a atividade, disse: “Ah Professor! Deixa a bolita pra lá!” Já uma outra menina que pedia para jogássemos voleibol antes das brincadeiras daquele dia, acabou esquecendo da cobrança.

[...] a contribuição do brincar para uma educação intercultural na aldeia ou em escolas não indígenas; é a compreensão do ser criança como presença no mundo, no qual conduz ao argumento de que o ser criança é mais do que um ser adaptável; é um ser transformador que cria e percebe que a adaptação não pode esgotar o seu estar no mundo (BARROS, 2010, p. 145).

Fizemos então a intervenção para que os alunos jogassem bolita. Obviamente, jogaram de acordo como haviam aprendido. O jogo de bolita, segundo Soares (2010), significa a oportunidade de a criança construir e cumprir regras, noções de tempo e espaço, além de vivenciar a cooperação e a competição. Também podemos dizer que é um exercício de estratégia onde o participante precisa planejar suas ações e executá-las. Para as crianças indígenas do povo da etnia *Baré*, na Amazônia, o caroço de Tucumã é usado para jogar bolita e eles têm que extrai-los da natureza (Soares, 2010). A criança, nesse caso, cria o brinquedo de acordo com suas necessidades e suas curiosidades. Segundo Grandó, Xavante e Campos (2010):

Ao interagir no meio natural, a criança o “desnaturaliza” a árvore, o rio, as frutas, as folhas

e os animais, ela apropria-se de cada um desses elementos com que brinca. Aprende sobre eles e passa a valorizá-los. O meio passa a se constituir como um meio cultural próprio da criança e do seu grupo social. (p. 94)

Segundo Moreno Gómez (2010), os modelos de etnoeducação e etnomotricidade são impostos e reproduzidos nas práticas corporais educativas escolarizadas e se confrontam com os modelos alternativos, por haver um tensionamento de interesse dos modelos hegemônicos.

Nas vivências realizadas, ao contrário do modelo de alto rendimento, o valor enfatizado foi o coletivo. Buscar outros olhares no campo das identidades, culturas e relações de poder contribuem para o desenvolvimento de uma escola que seja local de diálogo entre as diferenças.

Aula 4

Na aula seguinte, foi proposto aos discentes que fossem ao laboratório de informática pesquisar termos indígenas sobre as atividades realizadas nas aulas anteriores, tais como *Heiné Kuputsi*, *Sol e Lua* (brincadeira pertencente a etnia Tikuna, de acordo com Soares [2010]), *Emusi*, *Vida*, além das etnias *Tikunas*, *Baniwa*, *Bororo* e *Xavante*. Tínhamos como preocupação que as aulas proporcionassem algo relevante aos alunos e que as tarefas tivessem uma aproximação com a realidade social daquela turma.

Os alunos puderam ter acesso a conceitos das práticas corporais e das aldeias em que as brincadeiras faziam parte da cultura daqueles povos. Esta tarefa de pesquisa veio a complementar o conhecimento a respeito das práticas corporais indígenas, afinal além do “fazer com” era algo que pudesse “falar de”, no caso a cultura indígena, perspectivando com as vertentes da educação intercultural. “fazer com” é um termo utilizado por Charlot (2009) para exemplificar as aulas vivenciais

ou práticas comuns à disciplina de Educação Física. “Falar de” é um termo utilizado pelo mesmo autor para exemplificar aulas em que se explorar o aspecto conceitual do conhecimento.

A pesquisa no laboratório foi uma ação que teve como intuito gerar mudanças nas atitudes dos alunos, dando condições para o desenvolvimento de conteúdos em seu aspecto conceitual, sendo que ocupamos quase uma hora com buscas na internet. Os termos indígenas que abordamos nas aulas foram encontrados pelos alunos, utilizando como ferramenta de pesquisa o site *google*. À medida em que terminavam suas coletas de informações, liam e percebiam que aqueles termos pesquisados foram vivenciados por eles.

Aula 5

Logo após a pesquisa do laboratório tivemos um momento em que assistimos a três vídeos: a) a vida dos Índios *Xavante-Aldeia Pimentel Barbosa-MT*; b) *Brincadeiras Indígenas*; e c) *Brinquedos e brincadeiras dos Índios Brasileiros*. Todos os documentos foram encontrados no site *youtube.com*. Os vídeos mostraram brincadeiras e jogos indígenas vivenciados por alunos não indígenas, sendo que um dos documentários mostrou o modo de viver de uma etnia *Xavante*. Durante o vídeo, procuramos fazer algumas perguntas para que os alunos pudessem refletir sobre o modo de vida daquele povo, tais como: o que as crianças indígenas fazem na maior parte do dia? As brincadeiras vivenciadas por elas precisam de objetos comprados? Ao mesmo tempo solicitamos que identificassem brincadeiras que pudessemos vivenciar posteriormente nas aulas.

Nesse caso, a ação pedagógica partiu de uma produção da mídia, no caso a internet, para fazer um contraponto à visão de senso comum, que é muitas vezes enfatizada pela grande mídia (televisão canais abertos, jornais, rádio, internet) de que a vida de um índio deveria ser dotada de trabalho e que os mesmos possuem grandes

quantidades de terra e não produzem, ou até mesmo que recebem ajuda do governo sem trabalhar.

Tentamos fazê-los compreender que os índios possuem uma dinâmica cultural distinta dos “povos brancos”. O nosso papel é leva-los a refletir sobre seus conceitos prévios, de modo que possam rever os significados atribuídos aos povos indígenas e suas manifestações corporais. Na cultura indígena não há distinção entre tempo de brincar e tempo de realizar as tarefas, as brincadeiras estão relacionadas com a preparação para a vida adulta. As práticas corporais têm estreita relação com a educação das crianças e constituem uma maneira de preparar o jovem para tarefas do cotidiano e de sobrevivência.

As brincadeiras nas comunidades indígenas são permeadas de muitas aprendizagens que lhes serão úteis por toda a vida. Estas práticas corporais são ricas em sentidos e significados para tal povo. O ato de brincar leva a criança indígena a adquirir habilidades imprescindíveis ao seu desenvolvimento dentro da comunidade e a sua vida adulta.

Aula 6

Para finalizar os trabalhos, foi programado um debate junto aos alunos referente aos temas trabalhados ao longo das últimas aulas, para que as opiniões deles fossem ouvidas e que os diferentes pontos de vista pudessem ser emitidos. Discutimos sobre as aulas tradicionais, e, embora os meninos gostassem muito mais de jogar futsal e as meninas voleibol e queimada, consideraram que a aula que fizeram com jogos e brincadeiras indígenas foi interessante, reconhecendo a importância de terem tido acesso a este conteúdo.

Realizamos uma observação no sentido de comparar a postura dos discentes em um jogo competitivo, no caso o futsal, e lembrando-os da maneira como eles se entregaram ao jogo do cabo-de-guerra, não se importando com a vitória, nem com os companheiros

que iriam fazer parte da equipe (na maioria das aulas, quando da composição de equipes, os alunos querem fazer parte das equipes dos mais habilidosos).

Questionamos os alunos do porquê ocorrem situações de exclusão quando estão jogando algum esporte lá na quadra, principalmente com os menos habilidosos. Um dos estudantes se manifestou dizendo que lá na quadra envolve o ganhar e o perder e ninguém gosta de perder. Para argumentar neste sentido, perguntamos se os alunos que apresentam facilidade para aprender conteúdos de geografia e português, por exemplo, poderiam agir na sala de aula excluindo aqueles que não conseguem aprender ou assimilar os conteúdos com certa facilidade? Dessa forma, todos concordaram que atitudes de exclusão são comuns nas aulas e não podem ser consideradas aceitáveis “a aprendizagem cooperativa e a educação intercultural se dão as mãos para educar as pessoas na tolerância, no respeito e reconhecimento da identidade e diversidade cultural dos alunos e dos povos” (ALONZO, 1992, p. 273). O tempo para o debate estava se encerrando e esta era a última aula que antecedeu as férias do meio de ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho diz respeito a um assunto emergente e faz parte de um currículo intercultural preocupado em valorizar diferentes grupos sociais na busca de uma sociedade democrática. As aulas desenvolvidas neste período tiveram como objetivo levar os alunos a refletirem e a pensarem na forma como se comportavam durante as aulas esportivizadas, de modo a viabilizar aos mesmos o conhecimento sobre a cultura de povos diferentes. Como possibilidade, propusemos uma educação que seja e esteja sensível às diferenças existentes entre os alunos e se preocupe em

inserir-los dentro do contexto das aulas, oportunizando e ampliando práticas corporais para além do esporte. A Educação Física em uma perspectiva intercultural pode explorar conhecimentos para além do esporte, com a finalidade de revisão de valores e sentidos que fazem parte do fenômeno da esportivização. No decorrer do artigo, descrevemos uma experiência pedagógica com o intuito de inserir nas aulas de Educação Física escolar o conteúdo referente aos jogos e brincadeiras indígenas, espera-se que essa forma proposta possa ser um método orientador para outros estudos e intervenções pedagógicas a serem desenvolvidas nas aulas de Educação Física de diferentes escolas e localidades.

EDUCATIONAL EXPERIENCE WITH GAMES INDIGENOUS ON PHYSICAL EDUCATION CLASSES AT A PUBLIC SCHOOL IN THE STATE OF MATO GROSSO

Abstract

This study aimed to describe an experience with teaching elementary students in a public school in the interior of Mato Grosso, in the discipline of physical education. In physical education classes, the performance and participation of students are often perceived as their biological characteristics, being disregarded their cultural differences. As methodology literature review was performed based on authors who discuss interculturality, the physical education and indigenous thematic. This indigenous experience leading the students to adopt attitudes of understanding and respect for the culture of different peoples, and to expand its collection of bodily experiences.

Keywords: Physical education and training. Culture. Indigenous population.

EXPERIENCIA PEDAGÓGICA CON JUEGOS INDÍGENAS EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN UNA ESCUELA PÚBLICA EN EL ESTADO DE MATO GROSSO

Resumen

Este estudio tiene como objetivo describir una experiencia docente con alumnos de primaria en una escuela en el interior de Mato Grosso, en la disciplina de la educación física. En las clases de educación física, el rendimiento y la participación de los estudiantes a menudo se perciben como características biológicas, en que son desconsideradas las diferencias culturales. Como metodología fue realizada revisión de literatura basada en autores que discuten la interculturalidad, Educación Física Escolar y cuestiones indígenas. Esta experiencia docente llevó a los estudiantes a adoptar actitudes de comprensión y respeto por la cultura de los diferentes pueblos y ampliar su colección de experiencias del cuerpo.

Palabras clave: Educación física y entrenamiento físico. Cultura. Población indígena.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. J. M. de. SUASSUNA, D. M. F. de A. Práticas corporais, sentidos e significado: uma análise dos jogos dos povos indígenas. *Revista Movimento*, Porto Alegre: Ed. UFRGS v. 16, n. 04, p. 53-71, out/dez. 2010.
- ALONZO, R. S. En una sociedad pluralista, una educación intercultural. *Revista Complutense de Educación*, Madrid: Editorial Complutense, v. 3, n. 1, p. 263-281, jan/jun. 1992.
- BARROS, J. L. da C. Vivências corporais através do brincar na educação física infantil. In: GRANDO, B. S. *Jogos e culturas indígenas: possibilidades para uma educação intercultural na escola*. Cuiabá: EdUFMT, p. 139-150, 2010.

BRASIL, 2008. *Lei nº 11.645, de 10 março de 2008*. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília.

CARVALHO, Y. M. Promoção da Saúde, Práticas Corporais e Atenção Básica. *Revista Brasileira de Saúde da Família*. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/revcapa5.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

CHARLOT, B. Ensinar a educação física ou ajudar o aluno a aprender o seu corpo-sujeito?. In: DANTAS JÚNIOR, H. S.; KUHN, R.; RIBEIRO, S. D. D. *Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes*. São Cristóvão: Editora da UFS, p. 231-246, 2009.

CRUZ DE OLIVEIRA, R., DAOLIO, J. Educação Intercultural e educação física escolar: possibilidades de encontro. *Pensar a Prática*, Goiânia: FEF/UFMG, v. 14, n. 2, p. 1-11, mai./ago., 2011.

CORRÊA, Denise A. Brincadeiras indígenas Kalapalo: a abordagem da diversidade etno-cultural na educação física escolar. *Lecturas: Educación Física y Deportes. Revista Digital*. Buenos Aires. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 05 out. 2012.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. *Educação como prática corporal*. São Paulo: Scipione, 2009.

FRANÇA, C. de C. O outro e eu: que relação é esta na educação? In: GRANDO, B. S.; PASSOS L. A. *O eu e o outro na escola: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola*. Cuiabá: EdUFMT, p. 42-66, 2010.

GRANDO, B. S., XAVANTE, S. I., CAMPOS, N. da S. Jogos/Brincadeiras Indígenas: A memória lúdica de adultos e idosos de dezoito grupos étnicos. In: GRANDO, B. S. *Jogos e culturas indígenas: possibilidades para uma educação intercultural na escola*. Cuiabá: EdUFMT, p. 139-150, 2010.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. Campinas, SP: Papirus, 1969.

SOARES, A. de A. O jogo de bolinha de gude (peteca) praticado com caroço de tucumã: estudo realizado com crianças indígenas da amazônia baseado na teoria praxiológica de Pierre Parlebas. In: GRANDO, B. S. *Jogos e culturas indígenas: possibilidades para uma educação intercultural na escola*. Cuiabá: EdUFMT, p. 35-60, 2010.

_____. *Brincadeiras e jogos da criança indígena da amazônia: algumas brincadeiras da criança tikuna*. Fac. da universidade de Educação Física de Amazonas- Brasil. Disponível em: <http://www.motricidadeonline.com>. Acesso em: 03 de nov. de 2012.

Recebido em 29 de maio de 2013.

Aprovado em 10 de fevereiro de 2014.